

Uma análise cultural de discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações

Iole Maria Faviero Trindade*

Resumo

Enfocando as temáticas da alfabetização e do alfabetismo/letramento, sob a ótica dos Estudos Culturais em Educação e campos afins, como os estudos pós-modernos e os estudos pós-estruturalistas, este trabalho objetiva, por um lado, apresentar pesquisas produzidas no nosso núcleo e linha de pesquisa e, por outro, analisar trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização da nossa faculdade, que se utilizam de forma mais ou menos próximas de tais campos de estudos. Para tanto, faremos uso da análise cultural, organizando o trabalho em quatro seções: a primeira seção apresenta a bricolagem teórico-metodológica mencionada antes e que orienta a discussão realizada sobre alfabetização e alfabetismo/letramento; a segunda apresenta um conjunto de 12 trabalhos decorrentes de pesquisas realizadas por nossa linha e núcleo de pesquisa, entre 1998 e 2006, e a terceira faz uma descrição de outros oito trabalhos de conclusão de curso produzidos ao final de curso de graduação, entre 2003 e 2006, e de dois trabalhos de conclusão de curso de especialização, em 2006, ambos focando estudos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento produzidos nessas diferentes instâncias. Alguns apontamentos são feitos ao final, na quarta e última seção, quanto à produtividade do referencial teórico-metodológico para a análise dos trabalhos de conclusão de curso apresentados. Cabe observar que a apresentação e a análise desse conjunto de trabalhos acadêmicos permitem discutir as representações que recebem os discursos recentes sobre alfabetização e alfabetismo/letramento na pesquisa e no trabalho docente, dependendo dos olhares lançados sobre eles.

Palavras-chave: Estudos Culturais em Educação. Alfabetização/Alfabetismo/Letramento. Trabalhos Acadêmicos.

A cultural analysis of discourses on literacy and their representations

Abstract

Focusing on literacy in the perspective of Cultural Studies in Education and related fields, such as postmodern and poststructuralist studies, this work aims at providing research produced in our research centre and line on the one hand, and analysing concluding works in our University graduate and specialisation programmes, which use it in a way closer to these study fields, on the other hand. For that we will use the cultural analysis to organise the work in four sections: the first section introduces the above theoretical and methodological *bricolage* (do-it-yourself) that guides a discussion about literacy; while the second one introduces a set of 12 works arising from pieces of research conducted in our research centre between 1998 and 2006; and the third one depicts eight other concluding works produced at late graduate course between 2003 and 2006, and two concluding works for the specialisation course in 2006, both focusing on literacy and produced in these different situations. Some comments on the productivity of the theoretical and methodological reference

Profa. Dra. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação/Departamento de Ensino e Currículo.

Iole M. F. Trindade

for the analysis of the concluding works provided, appear at the end at the fourth section. It is worth noting that introducing and analysing this whole of academic works allows analysing the representations receiving the recent discourses on literacy in research and teaching work, depending on the perspectives.

Keywords: Cultural Studies in Education. Literacy. Academic Works.

Introdução

Reconhecido pela dispersão teórica e metodológica, o campo de teorização e investigação conhecido como Estudos Culturais é marcado por uma identidade cambiante, delineada pelas transformações na concepção de cultura (COSTA, 2000). Ao opor-se à concepção de cultura como conjunto de grandes obras cuja produção e apreciação são privilégio de um grupo restrito de pessoas, concepção esta incompatível com a noção de democracia, os Estudos Culturais propõem, através de Raymond Williams, uma nova interpretação da cultura, que corresponderia ao modo de vida global de uma sociedade. Se, inicialmente, essa interpretação da cultura, ficou restrita às manifestações autênticas de grupos sociais subordinados, posteriormente, amplia-se para abranger as manifestações de massa, como livros populares, tablóides, rádio, televisão, a mídia em geral. Tal campo, ao enfatizar essas e outras contingências, privilegia análises que estejam imersas no seu meio, que sejam descritivas, históricas e contextualmente específicas. Privilegiam, assim, um entendimento da cultura, ou melhor, das culturas, reconhecendo-as como todas e quaisquer experiências que nos constituem e nos dão identidades diversas, fragmentadas. Compartilho, portanto, com o entendimento de Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p. 9) de que: “Os Estudos Culturais se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular”. Observam, ainda, os autores (id.) que esses estudos “têm sido vistos como uma espécie de processo, uma alquimia para produzir conhecimento útil sobre o amplo domínio da cultura humana”. Não possuem também uma metodologia distinta, que possam reivindicar como sua, fazendo uso de uma *bricolagem* de métodos, em que a escolha de práticas de pesquisa é pragmática, estratégica e auto-reflexiva (NELSON; TREICHLER e GROSSBERG, 1995).

Ao se concentrarem metodologicamente na análise da cultura, os Estudos Culturais passam a ter por tarefa desconstruir todo e qualquer processo de naturalização, buscando as origens de toda e qualquer invenção (SILVA, 1999). A análise cultural trabalha sempre com uma pluralidade de significações de uma época para a outra e em uma mesma época, visando mostrar como ocorreu a invenção de determinadas verdades, os deslocamentos por que passaram, as disputas que enfrentaram nos campos dos conhecimentos científico, político, social e cultural. O objeto a ser analisado com as práticas de pesquisas dos Estudos Culturais caracteriza-se como artefato cultural, por ser

resultado de um processo de construção social (SILVA, 1999), ao mesmo tempo que produz identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder.

Considerando, então, que os Estudos Culturais se valem de uma *bricolagem* de campos do conhecimento e de metodologias de pesquisa, neste artigo privilegiarei as contribuições do próprio campo dos Estudos Culturais, associadas às de outros campos, como os dos estudos pós-modernos e dos estudos pós-estruturalistas para examinar as produções acadêmicas sobre alfabetização e alfabetismo/letramento como artefatos culturais de uma determinada época, de uma determinada cultura para proceder a uma análise descritiva, histórica e contextualmente específica.

Do pensamento pós-moderno interessa a crítica que estabelece aos princípios iluministas, como as idéias de razão, ciência e racionalidade, própria do pensamento moderno (SILVA, 1999). São também os estudos pós-modernos que nos permitem colocar em dúvida a noção de progresso que orienta a concepção moderna dominante de sociedade. São eles que demonstram que o progresso não é algo necessariamente desejável ou benigno, já que o sujeito livre, soberano, autônomo da modernidade, que age sob o signo do controle da natureza e do domínio do outro, fazendo uso da ciência e sua tecnologia, seus benefícios e subprodutos indesejáveis, foi descentrado, deixando de ter uma identidade fixa e estável (HALL, 1998). Uma outra concepção de história e de sujeito pode nos ajudar a interpretar os dados a serem apresentados, como uma história que nega o sujeito como fazedor de história e que quer saber como se constroem diferentes sujeitos em diferentes épocas. O sujeito deixa de ser o ponto de partida e passa a ser ponto de chegada (VEIGA-NETO, 1996). Ele deixa de pensar, falar e produzir, passando a ser pensado, falado e produzido (SILVA, 1999). Ou seja:

[...] trata-se de fazer não uma história das idéias, mas sim uma história dos problemas, ou melhor, uma história que tenta descobrir por que determinados pensamentos, conceitos, saberes se tornam problemáticos, isso é, passam a ser vistos, em determinadas épocas, como problemas (VEIGA-NETO, 1996, p. 153).

Para o autor, tal história está duplamente vinculada à problematização, pois, ao mesmo tempo que ela coloca em suspeição enquanto atitude metodológica, também toma como objeto de investigação aquilo que os outros declararam discutível e examina como tais questões foram evitadas, corrigidas, solucionadas ou superadas.

Dos estudos pós-estruturalistas, interessa a centralidade dada à linguagem, ao enfatizar a análise de discursos e de textos. Texto e discurso passam a ser vistos como artefatos produtivos, construtivos de formações sociais, comunidades e identidades sociais dos sujeitos.

Ao se inspirar em Haliday e Hasan (1985) para “definir texto como linguagem em uso, ou seja, qualquer exemplo de linguagem escrita e falada que tenha coerência e significados codificados” e, ao localizar esses textos, de modo mais geral, como visuais, audiovisuais e gestuais, Luke (1996, p. 13) considera que os textos são artefatos do trabalho dos sujeitos na produção do significado, isto é, momentos de intersubjetividade entre escritores, leitores, falantes e ouvintes, cujas intenções não são evidentes sem recorrer a um outro texto. Sugerindo que os textos “não são aleatórios, nem arbitrários, nem são unidades solitárias que requerem que comecemos de um esboço em cada evento discursivo”, Luke (ibid., p. 14) observa que os textos se conectam uns com os outros e se referem uns aos outros, às vezes sistematicamente ou não, às vezes através da escolha e deliberação do autor e às vezes através da coincidência. Para o autor (ibid., p. 15): “Todos os textos são, na verdade, multidiscursivos, ou seja, eles se guiam por uma variedade de discursos, campos de conhecimento e vozes.”

Os discursos, por sua vez, ao serem concebidos como práticas sociais, se imbricam em outras práticas sociais. Como interagem com essas outras práticas sociais, os discursos se vêem conformados pelas situações, estruturas e relações sociais, etc., e por sua vez as conformam e incidem sobre elas, consolidando-as, questionando-as. Não podem ser vistos como reflexo dos acontecimentos, das relações sociais e dos sujeitos. (ROJO; PARDO, 1998). Hall (1997, p. 25) considera que “nem as coisas por si próprias nem os usuários da linguagem podem fixar sentido na linguagem. Coisas não significam: nós construímos sentido usando sistemas de representação - conceitos e signos”. Para o autor, esta é a chamada abordagem construtivista ou “construcionista” da linguagem. De acordo com esta abordagem, não devemos confundir o mundo material, onde pessoas e coisas existem, e as práticas simbólicas e processos através dos quais a representação, o sentido e a linguagem operam. Tal posição não implica negar a existência do mundo material, mas entender que não é o mundo material que confere significado a tudo e sim o sistema de linguagem ou qualquer sistema que estamos usando para representá-la.

A produtividade dos Estudos Culturais para pesquisas que têm por foco os estudos sobre alfabetização e alfabetismo

Com vistas a apresentar pesquisas realizadas na nossa linha e núcleo de pesquisa, aponto algumas temáticas priorizadas tendo por foco os estudos sobre *alfabetização* e *alfabetismo*¹. Devo observar que alguns dos trabalhos a serem apresentados representam parcial ou integralmente pesquisas do nosso núcleo e linha de pesquisa, ou, ainda, da sua participação em projetos integrados de pesquisa, alguns deles tendo sido disponibilizados, de maneira mais restrita, no formato de projeto ou relatório de pesquisa, dissertação ou tese, e de forma mais ampla, no formato de artigo ou livro. Localizamos a influência de estudos históricos, como os de Cook-Gumperz (1989), Graff (1990), Viñao Frago (1993), entre outros, ou que priorizam análises contextuais sobre a alfabetização, como

Uma análise cultural de discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações

os de Street (1995, 2003), além daqueles que orientam uma abordagem pós-moderna e pós-estruturalista do campo dos Estudos Culturais, como os de Costa (2000), Gore (1994), Hall (1997 e 1998) Larrosa (1994), Marshall (1994), Popkewtiz (1994), Silva (1999), Silveira (1998 e 2005), Veiga-Neto (1996a e b), Walkerdine (1995), Wortmann (2002), entre outros.

“Todos na escola: o discurso da modernidade” (TRINDADE, 1998) consiste em artigo que discute projeto educacional governamental veiculado no ano de 1998, às vésperas do início do ano letivo, denominado “Toda criança na escola” e que visava a implementação da escolarização no ensino fundamental. A propaganda veiculada anteriormente à semana de matrículas trazia uma série de personalidades gaúchas fazendo o chamamento das crianças para a escola. Se por um lado, o estudo serve-se de autores que permitem o desenvolvimento de uma discussão em torno de concepções moderna e pós-moderna de escolarização, por outro, os estudos sobre o processo histórico do alfabetismo dão elementos para contrapor essas crenças, discursos e práticas sociais, através da consideração de espaços e tempos culturais diversos.

“Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poços das Antas – RS” (TRAVERSINI, 1998) trata-se de dissertação de mestrado que examina a liderança desse município gaúcho no *ranking* dos municípios brasileiros com elevados índices de alfabetização. A aproximação entre os Estudos de Alfabetismo e os Estudos Culturais possibilitou o desenvolvimento dessas reflexões a partir do conceito de *contexto cultural*, de Brian Street (1995). Os estudos históricos e os etnográficos, que têm relativizado a capacidade do alfabetismo escolar para produzir, como efeito imediato, o desenvolvimento do indivíduo e o progresso da sociedade, além dos estudos sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, possibilitaram a autora mostrar que não é propriamente o alfabetismo que afeta as pessoas, mas são as pessoas que afetam o alfabetismo, ou seja, são as pessoas que, a partir de um determinado contexto cultural, conformam o alfabetismo.

Outra dissertação de mestrado, intitulada “A identidade narrada do município mais alfabetizado do país: um estudo sobre leitura e identidade cultural” (MEDEIROS, 2000), estuda as relações possíveis entre leitura enquanto prática social da comunidade e identidade cultural do município de Poço das Antas. Entendendo que o texto produz as coisas de que fala na trama com outros textos e que uma comunidade, ao narrar-se, dá sentido a uma identidade local, a autora argumenta que tal narrativa constitui uma “identidade imaginada”, que produz um efeito de verdade a respeito da identidade cultural desse município gaúcho. Dessa forma, essa comunidade bem como a identidade cultural dos seus habitantes tornam-se impensáveis sem o alfabetismo. Ou dito de outra forma: ser de Poço das Antas significaria, desde que tal comunidade foi criada, ser alfabetizado.

Partindo do princípio de que todo discurso, sem exceção aprisiona, o

Iole M. F. Trindade

artigo “Os sentidos da alfabetização na revista Nova Escola” (MARZOLA, 2000) discute a unanimidade tão duradoura de um determinado discurso sobre alfabetização entre nós. Para analisar o discurso sobre alfabetização da revista, como constituidor dos seus significados, bem como constituidor das subjetividades de alfabetizadoras/es, a autora examina, a partir de três movimentos temáticos, os sentidos e significados da alfabetização produzidos pela revista Nova Escola ao longo de 10 anos de publicação (1986-1996), a emergência e a conquista de hegemonia do discurso construtivista nos textos produzidos pela revista e a produção do/da leitor/a pelos discursos sobre alfabetização nela veiculados, uma vez que não foram sempre os mesmos, marcados que estavam por uma luta que se travou, nesses anos, pelo poder de interpretar o que deveria se entender por alfabetização e que extrapolava as páginas da revista.

A tese “A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra. Queres ler?” (TRINDADE, 2001), publicada como livro (TRINDADE, 2004b) trata de discursos e representações presentes em cartilhas ou primeiros livros usados na alfabetização no estado do Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1930, analisando de que forma se harmonizam/circulam por outros discursos da época ou por narrativas que hoje se fazem delas/es. Além de tais obras didáticas, outras fontes documentais são examinadas para contextualização desse período histórico. A autora conclui que uma nova ordem foi inventada para as cartilhas e estas nos narram tal história. Assim, ser maternal, ser nacional e ser mestra são associações feitas às crenças da modernidade e dos discursos positivista e higienista, entre outros, que “delegaram” às mulheres, às mães e às professoras a “civilização” de um povo, seu “abrasileiramento”, sua “educação” e “moralização”.

Ao trazer como objeto de análise doze obras de literatura infantil editadas no Brasil, predominantemente na década de 90, o artigo “Alfabetizadoras de papel” (TRINDADE, 2002) esquadriha representações de alfabetizadoras presentes tanto nas ilustrações quanto nos textos verbais de tais obras. A autora privilegia a análise de traços que caracterizam as professoras como alfabetizadoras, produzindo um percurso que vai desde a referência aos “tradicionais” métodos de alfabetização até o desaparecimento, na representação do processo de alfabetização e do letramento, das próprias alfabetizadoras. Outros alfabetismos, como o disciplinar, disputam espaços na escolarização das crianças, ocupando as alfabetizadoras desde o primeiro dia de aula com lições em que a primeira aprendizagem escolar não é a de ler, escrever ou contar, mas a de disciplinar-se. Esses corpos, muitas vezes, são de animais antropomorfizados que encarnam, em diversas ilustrações e textos, valores próprios da cultura humana de forma “naturalizada”.

A possibilidade de mostrar que toda produção teórica se constitui como discurso, ocupando posição diferenciada de poder/saber em relação a outros discursos, pode ser localizada no artigo “Leitura, escrita e oralidade como artefatos

culturais” (DALLAZEN; TRINDADE, 2002). As autoras dão visibilidade, mesmo que sumariamente, a discursos sobre leitura, escrita e oralidade que circulam em diferentes instâncias e segundo concepções diversas – na academia, no ensino fundamental, na educação infantil – dando também visibilidade aos deslocamentos por que passaram esses discursos, ao localizar a “invenção” de determinadas concepções quanto à aquisição e uso da língua escrita, produzidas cultural e historicamente, a partir de determinadas práticas sociais.

O artigo “A invenção de múltiplas alfabetizações” e (an)alfabetismos (TRINDADE, 2004a) analisa um recorte da produção acadêmica na área da alfabetização, apontando, inicialmente, que os conceitos são termos que ganham definições contextualizadas historicamente. Para o exame de “verdades” que orientam a produção acadêmica na área da alfabetização, a autora pinça algumas interpretações, as quais prefere reconhecer como grupos de discursos circulantes e que são os estudos sobre métodos, processos de alfabetização e alfabetismo. Colocando inicialmente tais “verdades” em suspeição, advoga novos olhares sobre as mesmas, ao sugerir que práticas sociais de alfabetizações diversas, escolarizadas ao final do século XIX, estão sendo ressignificadas ao final do século XX e início do século XXI, através de outras denominações, outras interpretações e pela valorização de novos gêneros textuais, que se mesclam entre si, tornando-se híbridos, em uma pluralidade de práticas discursivas.

Tendo como foco os pareceres descritivos de quatro turmas de alfabetização, de uma escola da rede municipal de educação de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul, a dissertação de mestrado “Pareceres descritivos: narrativas que a escola nos conta” (PINHEIRO, 2005) problematiza como esses pareceres se constituem em textos onde alunos/as são narrados/as, suas histórias escolares são contadas e ainda, buscando examinar como a subjetividade se dá na narrativa e produz identidades. Discursos sobre alfabetização e letramento são examinados conforme as representações que ganham nos pareceres descritivos. Alunos/as são posicionados/as como sujeitos em relação aos níveis de aquisição da língua escrita e aos modos de comportamento escolar prescritos, sendo tais identidades forjadas ao longo do processo de escolarização.

Considerando o currículo como uma prática de luta pela significação, e os estudos sobre a alfabetização como discursos produzidos histórica e culturalmente, a dissertação de mestrado “Currículo e alfabetização nos planos de estudos: construções interdiscursivas” (PINHO, 2005) constitui-se num olhar, em relação a estes dois campos, sobre os planos de estudos das escolas municipais de ensino fundamental de Canoas. Para tanto, a autora propõe a análise de 30 planos de estudos – “nova” forma de organização curricular instituída por legislações educacionais nacionais e estaduais, a partir de 1999 – como um artefato cultural, procurando problematizar os modos como os discursos sobre alfabetização e letramento vêm sendo incorporados ao planejamento das séries ou classes de alfabetização do município de Canoas, associando tal discussão

Iole M. F. Trindade

a do caráter ordenador do currículo, expresso nos planos de estudos através da seleção, da classificação e do disciplinamento dos conhecimentos.

O artigo “Um olhar dos Estudos Culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo (TRINDADE, 2005) discute práticas escolares de alfabetização e alfabetismo, por meio da análise do impacto de determinados artefatos – cartilhas, livros de literatura infantil e portadores de gêneros textuais diversos – e práticas – alfabetizar por meio de métodos “tradicionais” de alfabetização, de “propostas construtivistas” de alfabetização ou de propostas amparadas nos estudos sobre letramento e reconhecidas pela máxima “alfabetizar letrando”. A autora lança, assim, um alerta quanto à forma como encartilhamos artefatos e práticas sociais que povoam o nosso mundo letrado do século XXI em artefatos e práticas escolares, propondo que discutamos os efeitos desses discursos e de suas representações.

No trabalho “A produção de múltiplas identidades alfabetizandas” (TRINDADE, 2006), a autora interpreta a memória como um conjunto de fragmentos dispersos, submissa aos caprichos da reminiscência e elaborada pelo jogo da lembrança e do esquecimento, surpreendendo o sujeito que lembra a sua história, o modo pelo qual recorda seu passado e atribui a este um sentido, para analisar artefatos e práticas que constituíram determinadas identidades alfabetizandas. Práticas discursivas reconhecidas como “modernas”, “mais modernas” ou “novas” e que se sobrepõem a outras que passam a ser consideradas “tradicionais”, “menos científicas” e “antigas”, à medida que o conhecimento muda, se transforma, se amplia e se diversifica, são apresentadas por meio das vozes de 30 depoentes, nascidas/os entre 1890 e 1960. A partir de narrativas quanto a sua alfabetização, formação e/ou atuação docente, como também, através de documentos pessoais alcançados por eles/as ou localizados por nós a partir de sua menção nas entrevistas, há a produção de uma história da alfabetização do Rio Grande do Sul.

A produtividade dos Estudos Culturais para a análise de trabalhos de conclusão de curso que têm por foco os estudos sobre alfabetização e letramento²

Apresento, agora, alguns trabalhos de conclusão de curso realizados nos semestres letivos dos anos de 2003 a 2006, bem como trabalhos de um curso de especialização, realizados no ano de 2006, escolhendo, para tanto, aqueles que tiveram por temática a alfabetização e o letramento. Devo esclarecer que a maioria desses trabalhos não fazem uma opção teórico-metodológica como os apresentados na seção anterior, mas se valem de autores reconhecidos na área da alfabetização para produzir uma reflexão sobre a própria prática docente realizada nas séries iniciais do Ensino Fundamental ou nas totalidades I, II e III das turmas de Educação de Jovens e Adultos, no caso dos trabalhos de conclusão do curso de graduação, ou de documentos veiculados na mídia impressa e eletrônica referentes a políticas públicas e a práticas didático-

Uma análise cultural de discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações

pedagógicas implementadas, com a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, no caso dos trabalhos de conclusão do curso de especialização, voltado para tal discussão. Reconhecemos a presença de autoras/es como Ferreira e Teberosky (1985), Soares (1998, 2004), Kleiman (1995) e Morais (2006), entre outras/os.

Apresento, primeiramente, os oito trabalhos de conclusão de curso de graduação.

Em “Letramento como prática de alfabetização” (DRÖESCHER, 2003), a professora estagiária iniciou o projeto com uma turma de 1ª série trocando cartas com uma 1ª série de uma outra escola estadual. Uma outra forma de proporcionar o contato com diversos gêneros textuais consistiu no trabalho com histórias infantis através da confecção de um pequeno livro com produções textuais das crianças. Também passou a fazer parte da rotina da sala de aula um espaço livre para a leitura. Um alerta feito por Dröescher (2003) cabe ressaltar aqui: o da necessidade de considerar as experiências que os alunos já trazem do seu cotidiano. Ou seja, seria necessário estar atenta a tais conhecimentos e às conseqüências da escolarização dos gêneros textuais.

Destacado aqui pelo privilégio dado ao letramento literário em uma turma de 2ª série, em “A importância da literatura infantil em diversos contextos de aprendizagem” (MARCHAND, 2003), a professora estagiária utilizou, inicialmente, como instrumentos de verificação, dois questionários: um direcionado aos/às alunos/as e outro aos seus familiares. Após, um outro instrumento se ateve no mapeamento da trajetória de leitura de cada aluno/a e da turma. Tendo sua ficha preenchida nas mãos, cada aluno/a pôde relatar para os/as colegas e a professora o que havia escrito na mesma, oportunizando a construção da trajetória de leitura da turma. Ao analisá-la, a professora estagiária pôde constatar que as crianças costumavam ler livros de contos de fadas até por volta dos quatro anos de idade e, a partir do momento em que iniciavam o processo de leitura individual, outras histórias, além dos contos de fadas, passavam a ser lidas, havendo menção à leitura das histórias em quadrinhos antes delas.

A presença cotidiana da exploração do texto jornalístico pode ser visibilizada em “O uso do jornal no letramento de jovens e adultos” (LIMA, 2004). O professor estagiário buscou examinar como seus/suas alunos/as de uma turma totalidade I de Educação de Jovens e Adultos, ao mesmo tempo em que estavam em processo de alfabetização mostravam-se fazendo uso de um discurso “de certa forma” letrado, em relação às notícias lidas coletivamente em aula. Lima (2004) pondera que, quando começou a utilizar o jornal em sala, sua intenção consistia em trabalhar com leitura e discussão de uma notícia ou reportagem para, posteriormente, destacar algumas palavras e explorá-las quanto à escrita, à leitura e significado para, gradativamente, passar à produção e interpretação de frases e textos. O professor estagiário percebeu que a

Iole M. F. Trindade

funcionalidade da escrita acabou por se impor através da exploração da oralidade dos alunos da totalidade I, da aquisição e ampliação das habilidades da leitura e da escrita e de seus usos para gerar novas aprendizagens.

Visando dar destaque para as narrativas de seus/suas alunos/as de totalidade II de Educação de Jovens e Adultos, a professora estagiária pretendeu investigar, em “Alfabetizando/as em um outro tempo escolar” (LEMOS, 2004), as causas que os/as levaram a “abandonar” a escola e o que buscam na Educação de Jovens e Adultos. Em uma turma que ia dos 18 aos 76 anos de idade, os motivos que os/as levaram a “abandonar” a escola iam da necessidade de trabalhar e/ou criar irmãos, da pouca valorização da escola por parte da família, e de uma especificidade que encontramos nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Prefeitura de Porto Alegre, que consiste em receber alunos/as com necessidades especiais. Um diário, identificado pela turma como “Nosso Caderninho”, serviu de suporte para a produção textual cotidiana. À medida que investia em tal proposta de trabalho, Lemos (2004) pôde perceber o quanto seus/suas alunos/as conseguiam se “virar” em um mundo letrado, fazendo uso de diversas estratégias.

Com vistas a mapear junto a uma turma, constituída por alunos/as de totalidades II e III, quais seriam os portadores de textos mais usados no ambiente doméstico, de trabalho e de lazer, em “Portadores textuais de uso no ambiente doméstico, no trabalho e no lazer”, (SCHONS, 2004), o professor estagiário constata, por um lado, o destaque dado a dois portadores de texto, como a bíblia e o jornal, por outro, o quanto bilhetes, recados e cartas, músicas, poesias e contos, receitas são listados como os gêneros textuais mais presentes no cotidiano da maioria da turma. Visando explorar, ainda mais, a prática da escrita e leitura de alguns desses gêneros textuais, em um primeiro momento, foram realizadas produções escritas na forma manuscrita, para, em um segundo momento, passar a fazer uso de editores de texto, como o *word* e o *e-mail*. Além de terem um correio funcionando na sala de aula, produziram um livro de poesias e deram uma nova versão para contos lidos em aula, bem como escutaram e leram as músicas preferidas da turma, interpretando-as em atividades diversas.

Ampliando a discussão dos usos da leitura, da escrita e da oralidade para a além da língua materna, em “Descobrimo outras línguas: multilingüísmos e letramentos” (GODOY, 2005), a professora estagiária, procurou examinar como seus/suas alunos/as de uma turma de 2ª série fazem uso de outros idiomas no seu dia-a-dia. Por meio, inicialmente, de pesquisa das palavras que as crianças conheciam em outras línguas, seguida do envio de questionário aos familiares para mapear a experiência doméstica de seus alunos/as com outros idiomas, a professora estagiária localiza a influência da mídia – especialmente da televisão e seus seriados, desenhos animados, novelas e propagandas –, dos aparelhos eletrônicos – incluindo computadores, com destaque para uso da Internet –, além dos outros aparelhos e brinquedos eletrônicos – como os videogames – e da descendência familiar, na experiência com os diversos idiomas. Calendário

Uma análise cultural de discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações

e agenda, brinquedos e seus manuais de instrução, além de rótulos de produtos, geralmente os de alimento, foram explorados em aula, por se apresentarem em português e em outras línguas ou por serem reconhecidos como produtos estrangeiros, apresentados na língua do país onde foram produzidos ou de onde foram importados.

Para investigar sobre causas de reprovação, em “Alto índice de reprovação na 1ª série do Ensino Fundamental: de quem é a culpa?” (DICKEL, 2006), a professora estagiária apresenta dados de entrevistas realizadas com as nove crianças de sua turma reprovadas no ano de 2005, bem como de questionários encaminhados aos responsáveis e às/aos educadores que trabalharam com tais alunos/as no ano em questão. Por meio de uma reflexão em torno de propostas didático-pedagógicas desenvolvidas e que demonstram um movimento de respeito à pluralidade cultural, à diversidade de identidades e à multiplicidade de subjetivações que ocorrem numa turma, a professora estagiária procurou lançar um olhar de estranhamento para a própria prática docente e aos discursos que a constituem, buscando reconhecer nela/es a produção de verdades provisórias e contextuais. Cabe destacar que, das nove crianças que haviam sido reprovadas no ano letivo de 2005, apenas uma acabou sendo reprovada novamente, totalizando uma porcentagem de 80,8% de aprovação, considerando o rendimento de toda turma.

Em “Alfabetização: o desenrolar de uma prática baseada na leitura e na produção textual” (VIANNA, 2006), a professora estagiária procurou refletir sobre as expectativas que tanto os/as seus/suas alunos/as de 1ª série quanto os da pré-escola possuíam, bem como os familiares e as professoras destes/as. A professora estagiária organizou a análise dos questionários e entrevistas em torno de três categorias – alfabetizar, educar e letrar –, reconhecendo que, por um lado, tanto as crianças quanto seus familiares e professoras tinham suas atenções voltadas para a alfabetização, enquanto, por outro, as crianças e seus familiares deixavam transparecer que, além do aprendizado da alfabetização, a escolarização teria um papel importante na educação. Constatou, ainda, que as professoras do nível B buscavam contemplar em suas práticas os três aspectos, embora o letrar aparecesse de forma tímida, enquanto ela própria, depositou seus esforços na busca de uma prática que alfabetizasse letrando e educando.

Passo, agora, a apresentação de dois trabalhos de conclusão de curso realizados no ano de 2006, enfocando a discussão da alfabetização e o letramento na implantação do Ensino Fundamental de nove anos.

Associando-se à discussão da ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, especialmente, quanto ao funcionamento do novo primeiro ano com crianças de seis anos de idade, em “Alfabetização e letramento no ensino fundamental de nove anos” (BERGAMO, 2006), a acadêmica foca sua análise em um conjunto de documentos, quais sejam: os Parâmetros Curriculares

Iole M. F. Trindade

Nacionais – Língua Portuguesa, referentes às quatro séries da Educação Fundamental, Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Diretrizes da Educação Infantil e Diretrizes do Ensino Fundamental. A análise de tais documentos aponta para importância de construir uma proposta pedagógica que contemple situações de usos reais da leitura e da escrita, incluindo os estudos sobre psicogênese da língua escrita, letramento e consciência fonológica, em propostas didáticas pensadas para esse novo primeiro ano do Ensino Fundamental.

Ao focar também a alfabetização de crianças de seis anos de idade no novo Ensino Fundamental de nove anos, em “Alfabetização e letramento no 1º ano novo” (TOSCANI, 2006), a acadêmica examina inicialmente material divulgado na mídia impressa, como notícias, entrevistas e reportagens, para, após, centralizar a análise em uma escola que implantou o Ensino Fundamental de nove anos, ao mesmo tempo que mantinha em funcionamento no ano letivo de 2006, o Ensino Fundamental de oito anos. Além da análise do material da mídia sobre tal escola, a acadêmica teve a possibilidade de realizar trabalho de campo junto à escola pesquisada, por meio de entrevistas e observação. Conclui, mesmo que provisoriamente, que a análise de tais iniciativas possibilita refletir sobre formas alfabetizar e letrar que vêm sendo implementadas a partir dos mais recentes estudos sobre alfabetização e letramento.

Concluindo, ainda que provisoriamente

Colocar em discussão a produção acadêmica, práticas docentes e focos que podemos dar aos estudos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento, aqui apresentados, mesmo que de forma parcial e fragmentada, através das pesquisas desenvolvidas na nossa linha e núcleo de pesquisa, ou através da orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização, exige novos olhares sobre tais estudos e suas diversas facetas, pois, se a alfabetização historicamente precedeu a escolarização no mundo ocidental, também historicamente passou a servi-la, passando a ser “controlada” por esta em seus diferentes níveis e tipos.

Uma rede de temáticas e alquimias teórico-metodológicas envolve tanto as pesquisas quanto os trabalhos de conclusão de curso produzidos e aqui examinados.

Enquanto um dos estudos realizados por nossa linha e núcleo de pesquisa, mesmo que de forma indireta, examina como peças publicitárias e textos jornalísticos operam na construção de representações sobre a alfabetização e alfabetismo, outro analisa os sentidos que a alfabetização recebe em um periódico pedagógico, como a *Revista Nova Escola*, no período de 1986-1996, mostrando, por exemplo, a hegemonia do significado de alfabetização construtivista. Outros, ainda, examinam o sucesso do alfabetismo escolar como resultante de processos culturais em um município do interior do RS com 100%

Uma análise cultural de discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações

da população alfabetizada e os significados da política nacional de leitura e suas relações com o alfabetismo nesse mesmo município. Há, também, estudos que focam as representações que recebem os discursos sobre a alfabetização e alfabetismo em livros de literatura infantil, publicados na década de 1990 ou em cartilhas de alfabetização usadas no Estado do Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1930, bem como aqueles que o fazem a partir da análise dos planos de estudos ou pareceres descritivos, tendo por *locus* escolas da Rede Municipal de Ensino de um município da Grande Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Um mapeamento de artefatos e práticas que povoam o nosso mundo letrado do século XXI aponta para uma diversidade de temáticas que ainda podem ser melhor investigadas na pesquisa em educação na área da alfabetização. Já a produção de identidades alfabetizadas é visibilizada em um estudo que se debruça sobre as narrativas de alunos/as e professoras, em um contexto e período específico, o Estado do Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1960.

Alguns trabalhos de conclusão de curso de graduação aqui apresentados mostram, mesmo que timidamente, como as práticas sociais da leitura e da escrita são escolarizadas em propostas que procurarão “integrá-las” nos currículos, nas séries iniciais do ensino fundamental ou, ainda, na educação de jovens e adultos, dando destaque à forma como obtiveram as informações desejadas quanto a identidades e diferenças culturais, econômicas, sociais, de alunos/as em diferentes situações de aprendizagem. Dessa forma, os artefatos e as práticas de alfabetização e letramento que foram examinados nas práticas docentes de nossos/as alunos/as estagiários/as podem ser reconhecidos como próprios da aquisição e de usos que se faz da oralidade, da leitura e da escrita em família, em uma dada comunidade ou grupo social, em um período de tempo determinado. Tais práticas diferenciam-se conforme as necessidades que são atribuídas a certos contextos, sendo que as mesmas podem surgir a partir das mais diferenciadas experiências.

Discussões recentes da produção acadêmica na área da alfabetização, destacada por uns com a valorização do método fônico e, por outros, com a consideração da consciência fonológica, agregada aos estudos sobre letramento e psicogênese, a partir da implementação do novo primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos, mobilizam pesquisadores/as e políticas públicas e se fazem presentes nos trabalhos de conclusão de curso de especialização.

Mapeamentos iniciais de práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo/letramento, como as apresentadas neste trabalho, permitem que analisemos de que forma é interpretado o impacto dessas práticas e dos artefatos utilizados pelas mesmas. Em uma análise etnográfica e textual dessas práticas docentes por nós produzidas, orientadas e examinadas, buscamos os indícios dos nossos próprios discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações. Julgamos interessante observar que tais registros, se analisados de forma descontextualizada, podem vir a ser interpretados com forte acento classificatório, como se fosse possível encapsular a formação e a

Iole M. F. Trindade

atuação docentes em um único discurso ou de uma única “epistemologia”: essa *prática docente é tradicional; é construtivista; se ampara nos estudos sobre letramento; explora a consciência fonológica* etc. Assim, queremos alertar para a necessária ressignificação de determinadas atividades – reconhecidas como tradicionais, construtivistas e letradas ou como didáticas, pedagógicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas, linguísticas etc –, considerando a compreensão e os usos que são feitos das mesmas. Nuanças nessas interpretações não nos permitem categorizar tais práticas como próprias de um único discurso, mas visibilizá-las como constituídas por representações múltiplas dos discursos circulantes sobre a alfabetização e alfabetismo/letramento, passíveis de novos deslocamentos e invenções, ao serem reconhecidas/os como provisórias/os e contextuais.

Referências

COOK-GUMPERZ, J. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável. In: COOK-GUMPERZ, J. (Org.). **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 27-57.

COSTA, M. V. Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, M. V. (Org.) **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

DICKEL, G. B. **Alto índice de reprovação na primeira série do ensino fundamental**: de quem é a culpa? Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2006. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: segundo semestre de 2006 [manuscrito].

DRÖESCHER, G. R. **Letramento como prática de alfabetização**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2003. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: primeiro semestre de 2003 [manuscrito].

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GRAFF, H. J. O mito do alfabetismo. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 30-64, 1990.

GODOY, Z. M. **Descobrendo outras línguas**: multilíngüísmos e letramentos. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2005. Trabalhos de conclusão do curso - TCC: segundo semestre de 2005 [manuscrito].

GORE, J. M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-20.

HALIDAY, M.; HASAN, R. **Language, context and text**. Greelong, Australia:

Deakin University Press, 1985.

HALL, S. (Org.) **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage Publications, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995. p. 15-61.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 35-86.

LEMOS, S. M. **Alfabetizando/as em um outro tempo escolar**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2004. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: segundo semestre de 2004 [manuscrito].

LIMA, R. P. **O uso do jornal no letramento de jovens e adultos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2004. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: segundo semestre de 2004 [manuscrito].

LUKE, A. Text and discourse in education: an introduction to critical discourse analysis. **Review of Research in Education**, v. 21, 1996.

MARCHAND, P. S. **A importância da literatura infantil em diversos contextos de aprendizagem**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2003. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: segundo semestre de 2003 [manuscrito].

MARSHALL, J. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ, 1994. p. 21-34.

MARZOLA, N. Os sentidos da alfabetização a revista Nova Escola. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 93-115.

MEDEIROS, L. **A identidade narrada do município mais alfabetizado do país**: um estudo sobre leitura e identidade cultural. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L.. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (Org.) **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 07-38.

POPKEWITZ, T. S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: RJ, 1994. p. 173-210.

Iole M. F. Trindade

PINHEIRO, C. G. **Pareceres descritivos: narrativas que a escola nos conta.** 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PINHO, P. M. **Currículo e alfabetização nos planos de estudos: construções interdiscursivas.** 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROJO, L. M.; PARDO, M. L.; WHITTAKER, R. **Poder-decir o el poder de los discursos.** Madri: Arrecife Producciones, 1998.

SCHONS, A. **Portadores textuais de uso no ambiente doméstico, no trabalho e no lazer.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2004. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: segundo semestre de 2004 [manuscrito].

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, R. H. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, M. V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 105-128.

_____. Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: SILVEIRA, R. H. (Org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação.** Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p. 197-209.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 05-17, jan./fev./mar./abr./ 2004.

STREET, B. **Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education.** London: Longman, 1995.

_____. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, New York v. 5, n. 2, may. 2003. Disponível em: < <http://www.tc.columbia.edu/cice/articles/bs152.htm> >. Acesso em: 26 jun. 2003.

TRAVERSINI, C. S. **Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poços da Antas/RS.** 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

TRINDADE, I. M. F. Todos na escola: o discurso da modernidade. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 23/24, p. 27-55, 1998.

_____. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra.** Queres ler? 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Alfabetizadoras de papel. In: SILVEIRA, R. H. (Org.). **Professoras que as histórias nos contam**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 109-133.

_____. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas**: ser maternal, nacional e mestra. Queres ler? Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2004b.

_____. A invenção de múltiplas alfabetizações e (an)alfabetismos. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2004.

_____. Múltiplas histórias de alfabetização. In: VI ANPEd Sul, 6., 2006. Santa Maria. [trabalhos completos] ... Santa Maria, 2006. 1 CD-ROM.

VEIGA-NETO, A. **A ordem das disciplinas**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

VIANNA, L. M. **Alfabetização**: o desenrolar de uma prática baseada na leitura e na produção textual. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2006. Trabalhos de conclusão do curso – TCC: segundo semestre de 2006 [manuscrito].

VIÑAO FRAGO, A. Aprender a leer en el Antiguo Régimen: cartillas, silabarios y catones. In: In: ESCOLANO BENITO, A. **Historia ilustrada del libro escolar en España del Antiguo Régimen a la Segunda República**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997. p. 149-191.

WALKERDINE, V. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez. 1995.

WORTMANN, M. L. Análises culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-92.

Notas

1 A maioria dos trabalhos apresentados nesta seção utiliza preferencialmente o termo alfabetismo em vez de letramento.

2 Os trabalhos apresentados nesta seção fazem uso preferencialmente do termo letramento em vez de alfabetismo.

Correspondência

Iole Maria Faviero Trindade - Rua Jacipuíá, 109 - 91770-030 – Porto Alegre – RS.
E-mail: ioletrin@terra.com.br

Recebido em 14 de fevereiro de 2007

Aprovado em 14 de março de 2007

